

nômeno religioso em suas várias formas num quadro que procura estar isento de qualquer preconceito historiográfico mais ou menos evolucionista. Ele faz prosseguir a sua pesquisa sobre dois planos paralelos. Por um lado tenta uma unificação da terminologia das principais disciplinas que se ocupam de religião, ou seja: a filosofia, também mais recente, da qual o próprio Bianchi provém, junto com outros famosos historiadores das religiões, a teologia, ou melhor, as teologias dos vários sistemas religiosos, inclusive primitivos, a etnologia, em muitos casos fonte exclusiva, e finalmente a psicologia.

Para avaliar a precisão e o interesse de seu ponto de vista, veja-se em "Problemas de História das Religiões" o excelente capítulo sobre o monoteísmo, e em "Teogonias e Cosmogonias" as breves indicações sobre a incidência de uma incipiente dose de burlesco na visão homérica da mitologia grega em comparação com a cosmogonia de Hesíodo. E ainda as precisões sempre claras e sutis sobre a posição gnóstica desde o primeiro surto de heresias até hoje.

De formação tipicamente historicista Bianchi tem por outro lado uma vontade específica de síntese e de superação que acompanham a sua pesquisa através dos dois volumes. E a tentativa de conciliar as terminologias o conduz inevitavelmente a individualizar áreas controversas em que as várias disciplinas, e não só o vocabulário, se apresentam em posições dificilmente conciliáveis. Assim, as mais recentes "teorias" tendentes a definir o fato religioso, unificando-o, são examinadas e discutidas por Bianchi, uma por uma, a partir da escola histórico-cultural até as interpretações psicológicas de Jung, à tese sacralista de Otto, ao magismo das escolas irracionistas, à crise existencial de De Martino.

Mais que propor novas teses interessa a Bianchi caracterizar o estado atual da história das religiões após os últimos decênios de intensa elaboração. Sua contribuição consiste principalmente na aplicação da terminologia e do método filosóficos a um setor de investigação originariamente reservada à antropologia, à sociologia e à psicologia. "O fato religioso não pode ser reduzido às suas circunstâncias psicológicas ou sociais." De particular interesse são, em seguida, os capítulos sobre o conceito de mito, assunto de que se ocupa por duas vezes, tanto no primeiro volume (precisão terminológica e sociológica) quanto no segundo, onde entra em polêmica com as teses do racionalismo historicista, como também com teses do irracionismo de Otto e com as teorias mais recentes de Mircea Eliade.

No atual estado dos estudos, os dois volumes de Bianchi constituem um instrumento muito útil, quer para os estudos etnológicos, quer para os especialmente histórico-religiosos.

*Armando Ferrari*

HANS BECHER: *Die Surára und Pakidái Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien.* Mit Anhang: ARYON DALL'IGNA RODRIGUES, *Über die Sprache der Surára und Pakidái.* X + 138 págs. Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg, XXVI. Kommissionsverlag Cram, De Gruyter & Co. Hamburgo, 1960. (Preço: DM 48,—).

A presente monografia é o resultado de observações colhidas por Hans Becher durante uma permanência de 9 meses (1955-1956) entre as tribos Surára e Pakidái dos rios Demini e Aracá, naquela região etnograficamente pouco conhecida, compreendida pelos rios Branco, Uraricuera, Negro, e a serra Parima.

O autor não se limita a desfiar suas experiências entre os grupos visitados, mas, baseando-se nos recentes trabalhos de Zerries e Schuster sobre os Waiká, e as informações de Salathé, A. Vinci, Koch-Grünberg e outros, relaciona os elementos dessas cul-

turas com a das outras tribos da área. As descrições da cultura material são excelentes, os desenhos que as acompanham muito claros e o material fotográfico no final do trabalho fala por si. Alguns dos dados apresentados por Hans Becher não foram até agora registrados para outros grupos sul-americanos, como, por exemplo, a grande maloca aberta, quase circular, que ambos os grupos habitam conjuntamente na estiagem, e que teria se desenvolvido a partir das pequenas choças circularmente ordenadas. Nas páginas dedicadas ao ciclo de vida, encontramos detalhadas descrições do complicado ritual funerário dessas tribos, sendo de especial interesse a forma combinada de exposição em árvores e cremação do morto, ainda não registrada na América do Sul, bem como o enterramento sumário dos velhos. Também a descrição de duas curas mágicas e do festival de evocação dos mortos, presenciados pelo autor, merecem especial menção. A secção relativa aos mitos dos Surára e Pakidái, entretanto, deixa muito a desejar, assim como determinados aspectos relativos à organização social, que mal foram abordados pelo autor.

Estribando-se em seus estudos de língua e cultura dos dois grupos e nos trabalhos citados na extensa bibliografia, Hans Becher conclui pela conveniência de se adotar na etnologia sul-americana a denominação Yanonámi ou Yanoáma para o grupo lingüístico e cultural daquêles silvícolas de pequena estatura e pigmentação clara do norte da Amazônia. Aryon Dall'Igna Rodrigues, em apêndice ao trabalho, apresenta 40 termos Surára e Pakidái com seus correspondentes Waiká, Karimé, Siriána e Waréma, com a finalidade de tornar mais patente o estreito parentesco entre essas línguas. O critério para a seleção desses termos foi a existência de formas registradas nas cinco línguas, de preferência vocábulos de natureza "não-cultural".

O trabalho de Hans Becher sugere a necessidade de maiores estudos nessa área, principalmente com relação aos contactos intertribais que aí se verificam. Significativa nesse sentido é a informação prestada pelo chefe Surára de que o "povo Yanonámi" compreende duas poderosas tribos, os Xiriána e os Waiká, que se encontram em constante pé de guerra, e de que as demais tribos menores dessa área se filiam a uma ou outra dessas duas facções, devendo-lhes, entretanto, tributos e vassalagem, o que já fôra anteriormente notado por Koch-Grünberg e Métraux.

Hans Becher, com esta monografia, traz uma importante contribuição para a etnologia sul-americana em geral, e para o maior conhecimento dos grupos indígenas do noroeste brasileiro em particular.

*Thekla Hartmann*

ANTONIO SERRANO: *Introducción al arte indígena del noroeste argentino*. Cuaderno 1 de la Revista de la Facultad de Ciencias Naturales. 46 págs., com 12 figs. 14 pranchas. Universidad Nacional de Tucuman. Salta, 1961.

O autor preocupou-se em situar o assunto específico de que trata dentro do contexto mais amplo da arte indígena em geral, discutindo o problema da estética, tal como é concebida pela cultura ocidental, em face das manifestações artísticas de povos primitivos. Apontando as contribuições de vários especialistas na questão, o autor resalta a dificuldade em penetrar e compreender a concepção do belo entre os vários grupos indígenas, e em separar as expressões propriamente artísticas daquelas em que não prevalece a intenção de criar o belo, e sim a de representar valores mágicos e mitológicos. Volta-se em seguida para os problemas suscitados pela arte decorativa, apresentando um quadro sintético da origem da decoração geométrica, em que "no se trata de construcciones apriorísticas; ellas han sido establecidas sobre el exacto conocimiento